

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Berardo: O Comendador, a Fundação e a Justiça de Sapatos de Veludo

Publicado em 2026-05-26 10:15:11



BOX DE FACTOS

- O Supremo Tribunal Administrativo confirmou a extinção da Fundação Berardo, considerando que esta deixou de cumprir os fins sociais para os quais fora reconhecida.
- A decisão abre caminho à execução de garantias associadas a financiamentos superiores a 980

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

MINISTERIO PUBLICO acusou JOE BERARDO, dois advogados e a Associação Colecção Berardo por factos que considera integrarem burla qualificada ligada a créditos de cerca de mil milhões de euros.

- O DCIAP anunciou, em 2026, acusação autónoma por fraude fiscal qualificada contra arguidos ligados ao universo Berardo, num processo extraído do chamado Processo Berardo.
- O caso arrasta-se há anos entre bancos, garantias, fundações, associações, recursos, tribunais, património artístico e uma sensação pública devastadora: a de que os grandes processos em Portugal envelhecem melhor do que a própria justiça.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Sapatos de Veludo

Em Portugal, o cidadão comum deve cem euros e recebe uma carta ameaçadora. O grande devedor aproxima-se dos mil milhões e recebe décadas de processo, fundações, recursos, garantias, cautelas, pareceres e uma incompreensível lentidão com luvas brancas.

Portugal é um país fascinante. Fascinante no sentido arqueológico do termo: escava-se um caso público e aparece logo uma civilização inteira de bancos, fundações, associações, garantias, advogados, tribunais, recursos, despachos, comissões, audições parlamentares, património artístico, buracos financeiros e indignação popular convenientemente envelhecida em barrica institucional.

O caso Berardo é uma dessas obras-primas nacionais. Não é apenas um caso financeiro. Não é apenas um caso jurídico. Não é apenas um caso bancário. É uma alegoria perfeita da República onde os grandes problemas entram no sistema vestidos de escândalo e saem, anos depois, penteados como complexidades.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

qualificada ligada a créditos de cerca de mil milhões. Há processos autónomos. Há recursos. Há património artístico. Há garantias que parecem garantias até ao momento em que é preciso garantir alguma coisa.

E há, sobretudo, uma sensação pública que corrói a confiança democrática:

**para os pequenos, a justiça é guilhotina;
para os grandes, é labirinto com carpete.**

**A dívida ao país — mesmo quando
formalmente é à banca**

Tecnicamente, dir-se-á que a dívida é aos bancos. Muito bem. A técnica tem sempre maneiras elegantes de reduzir a indignação moral a nota de rodapé.

Mas quando entre os credores estão instituições como a Caixa Geral de Depósitos, banco público, e o Novobanco, nascido das ruínas do BES com pesado envolvimento público e sistémico, a fronteira entre dívida bancária e ferida nacional torna-se bastante menos confortável.

O povo português pode não dominar todos os detalhes jurídicos do caso, mas percebe o essencial. Percebe que

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

contribuinte.

A dívida pode estar nos balanços dos bancos. A humilhação está no balanço moral da nação.

E o cidadão comum pergunta: como é possível que, ao fim de tantos anos, com valores desta dimensão, com processos sucessivos, com acusações, com fundações extintas e com património discutido até ao detalhe, Portugal continue a parecer incapaz de produzir uma consequência final clara, rápida e exemplar?

A resposta talvez esteja no velho princípio não escrito da justiça portuguesa: quanto maior o valor, mais macio parece o chão onde o processo cai.

O comendador e a arte de transformar dívida em nevoeiro

Joe Berardo tornou-se, para muitos portugueses, mais do que um empresário ou colecionador. Tornou-se símbolo. Símbolo de um país onde certas figuras parecem mover-se dentro de uma realidade paralela, feita de bancos pacientes, garantias sofisticadas, patrimónios artísticos, sociedades, associações e uma resistência quase poética à consequência.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

administrativa.

Mas noutros patamares, a dívida ganha asas metafísicas. Já não é apenas dívida. É exposição financeira. É litígio. É complexidade patrimonial. É negociação. É reestruturação. É garantia discutível. É arquitectura jurídica. É estratégia processual. É disputa de legitimidade. É recurso para aqui, providência para ali, acórdão para acolá.

O pequeno contribuinte vive no mundo da cobrança. O grande devedor vive no mundo da interpretação.

E é essa diferença que destrói a confiança num Estado de Direito.

A Fundação: caridade, cultura ou cofre com moldura?

As fundações têm, em princípio, uma dignidade pública. São reconhecidas porque prosseguem fins sociais, culturais, científicos, educativos ou humanitários. O problema começa quando a fundação, em vez de servir a sociedade, parece servir uma engenharia de protecção patrimonial e financeira.

Segundo o noticiado, o Supremo Tribunal Administrativo confirmou a extinção da Fundação Berardo por entender que

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A expressão é devastadora.

Porque se uma Fundação reconhecida pelo Estado se transforma, na substância, em instrumento de engenharia financeira, então não estamos apenas perante um problema de gestão. Estamos perante a degradação da confiança pública no próprio regime jurídico das fundações.

É como se a palavra “fundação” fosse usada como vitrina moral para esconder maquinaria financeira nos bastidores.

A obra de arte fica na parede. A dívida fica no país. A fundação fica no meio, a parecer muito cultural enquanto o dinheiro dá voltas de alta ginástica.

Garantias que garantem pouco, mas entretêm muito

Um dos aspectos mais deliciosamente trágicos deste caso é o tema das garantias. As garantias existem, em teoria, para garantir. É uma ideia simples, quase infantil. Dá-se crédito, recebe-se garantia, o devedor falha, o credor executa.

Mas em Portugal, nos grandes processos, as garantias às vezes comportam-se como cenários de teatro: vistas da

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

participação, a associação detentora das obras, as deliberações, as alterações estatutárias e a disputa sobre o controlo dos activos transformaram a palavra “garantia” numa espécie de labirinto barroco.

Os bancos pensavam ter uma coisa. O país descobriu que talvez tivessem outra. Ou que tinham, mas não mandavam. Ou que mandavam, mas afinal não conseguiam. Ou que podiam, mas só depois de uma década de tribunais. Ou que a realidade, como sempre, precisava de ser consultada por advogado.

A conclusão popular é brutal: em Portugal, até uma garantia precisa de escolta judicial para se comportar como garantia.

A justiça que corre depressa atrás dos pequenos e passeia com os grandes

A justiça portuguesa não é lenta para todos da mesma maneira. Esta é uma das grandes hipocrisias nacionais.

Quando está em causa o cidadão comum, a máquina pode ser surpreendentemente eficaz. Uma dívida fiscal, uma coima, uma contribuição em atraso, um pagamento falhado, uma irregularidade burocrática — tudo isto pode gerar

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

empresários, fundações, escritórios de advogados sofisticados, múltiplas sociedades, recursos sucessivos e batalhas processuais densas, o tempo transforma-se em aliado dos poderosos.

Não porque a lei diga expressamente que assim deve ser. Mas porque a complexidade, a capacidade financeira de litigar e a lentidão estrutural do sistema produzem, na prática, uma desigualdade brutal.

A justiça pode ser formalmente igual. Mas a experiência concreta da justiça é muitas vezes profundamente desigual.

O pobre sente a lei como parede. O poderoso sente-a como corredor.

O riso parlamentar que ficou na memória do povo

Há imagens que ficam. Há frases que se colam à memória pública. Há momentos em que uma nação inteira percebe, não por análise técnica, mas por intuição moral, que está a assistir a algo profundamente indecente.

A audição parlamentar de Berardo entrou nesse arquivo simbólico. O país viu um homem associado a dívidas

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Talvez juridicamente tudo deva ser tratado nos lugares próprios, com as garantias próprias e os direitos próprios. E deve. Mas politicamente, aquele momento teve um efeito demolidor: mostrou ao país o fosso entre a reverência institucional perante os grandes e a dureza quotidiana aplicada aos pequenos.

Naquele riso, muitos portugueses ouviram mais do que humor. Ouviram a gargalhada de um sistema inteiro sobre a sua própria impunidade.

A acusação chega. A condenação, essa, vem a pé

Importa ser rigoroso: acusação não é condenação. Num Estado de Direito, ninguém deve ser tratado como condenado antes de sentença transitada em julgado. Este princípio é essencial. Sem ele, a justiça transforma-se em vingança.

Mas há outra verdade que também deve ser dita: quando processos desta dimensão se arrastam durante anos e anos, quando a investigação começou há muito, quando os factos remontam a períodos ainda mais antigos, quando a acusação chega tarde e a decisão final parece sempre distante, a justiça começa a perder substância pública.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

cansa testemunhas, favorece estratégias dilatórias, envelhece arguidos, desgasta credores, desmobiliza cidadãos e transforma escândalos em paisagem.

Portugal é especialista nisso: deixar que a indignação arrefeça até virar resignação.

E depois admira-se que o povo deixe de acreditar.

O país onde ninguém viu, ninguém travou, ninguém respondeu

Um caso como este não acontece no vazio. Não nasce sozinho, num canto escuro, como bolor espontâneo da banca nacional.

Há créditos concedidos. Há riscos avaliados. Há garantias aceites. Há conselhos de administração. Há supervisores. Há auditores. Há escritórios jurídicos. Há negociações. Há reestruturações. Há decisões. Há omissões. Há pessoas concretas em momentos concretos.

E no entanto, quando chega a hora da responsabilidade, tudo parece dissolver-se numa névoa colectiva.

O país fica com a sensação de que os milhões têm pais quando entram, mas ficam órfãos quando se perdem.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

E então fala-se do sistema. O sistema falhou. O sistema permitiu. O sistema não acautelou. O sistema não preveniu. O sistema não fiscalizou.

Mas o sistema, essa criatura mística, nunca vai preso, nunca perde cargo, nunca devolve bônus, nunca se envergonha e nunca comparece a interrogatório.

A vergonha selectiva da elite

Portugal tem uma elite estranha. Muito sensível à reputação quando é criticada, mas extraordinariamente resistente à vergonha quando há dinheiro público, bancos falhados, dívidas colossais e responsabilidades difusas.

A vergonha nacional é quase sempre entregue ao cidadão comum. É ele que deve ter vergonha se não paga. Vergonha se atrasa. Vergonha se pede ajuda. Vergonha se falha. Vergonha se não entende o formulário. Vergonha se não consegue sobreviver com salário baixo ou reforma miserável.

Já nos grandes salões, a vergonha veste fato, contrata advogado, invoca direitos, fala em perseguição, aguarda recursos e mantém sempre uma certa dignidade fotográfica.

Há uma decência básica que desapareceu deste país: a ideia de que quem beneficia de poder, crédito, influência e

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

invertida: quanto maior o prejuízo, mais complexa a explicação.

A justiça de salão e a justiça de balcão

Há uma justiça de balcão e uma justiça de salão.

A justiça de balcão é a do cidadão comum: senha, fila, carta registada, prazo, multa, penhora, balcão das finanças, formulário, portal, senha digital, indeferimento, juros e “volte amanhã”.

A justiça de salão é outra coisa: escritórios caros, recursos sofisticados, discussões processuais, providências, cautelares, perícias, incidentes, conflitos de competência, pareceres, estratégias, adiamentos e uma elegância toda própria no modo como o tempo se torna defesa.

Ambas vivem no mesmo Estado de Direito. Mas não respiram o mesmo ar.

E quando a diferença se torna demasiado visível, a democracia sofre. Não porque o povo queira linchamentos. Mas porque o povo quer sentir que a lei não troca de tom conforme o tamanho da conta bancária.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A extinção da Fundação: tarde, mas politicamente reveladora

A confirmação da extinção da Fundação Berardo pelo Supremo Tribunal Administrativo é um facto importante. Mostra que, pelo menos nessa dimensão, o Estado e os tribunais acabaram por afirmar que uma fundação não pode conservar reconhecimento público se se afasta dos fins que justificaram esse reconhecimento.

Mas a pergunta amarga permanece: porque demora tanto a República a chegar ao óbvio?

Quantos anos são necessários para perceber que uma entidade reconhecida por fins sociais não pode funcionar predominantemente como veículo financeiro? Quantos relatórios, decisões, recursos e contra-recursos precisa o país para concluir aquilo que a intuição cívica já suspeitava há muito?

É bom que a decisão exista. Mas é terrível que chegue como capítulo tardio de uma novela que o país já deveria ter resolvido há muito.

Em Portugal, até a evidência precisa de trânsito em julgado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pública.

Porque um país pode suportar escândalos se sentir que deles resulta justiça, aprendizagem, reforma e responsabilização. Mas quando os escândalos se sucedem e parecem sempre terminar em labirintos, prescrições, acordos, lentidão, recursos, indemnizações difíceis e memória cansada, a sociedade conclui que o sistema não se corrige. Apenas absorve o choque.

E um sistema que absorve escândalos sem mudar torna-se cúmplice da repetição.

Berardo é mais do que Berardo. É uma pergunta sobre Portugal:

que República é esta, onde quase mil milhões podem atravessar bancos, garantias, fundações e tribunais durante anos, enquanto o cidadão comum continua a ser tratado como devedor suspeito por valores infinitamente menores?

A resposta não cabe apenas nos tribunais. Cabe na política, na banca, na supervisão, na cultura institucional e

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O caso Berardo é Portugal em exposição permanente. Não no museu. Na sala escura da sua própria vergonha.

Está lá tudo: bancos imprudentes, crédito fácil, garantias complicadas, património artístico, fundações ambíguas, Estado lento, justiça tardia, recursos sucessivos, elite resistente à consequência e povo cada vez mais descrente.

Não se pede condenação sem julgamento. Não se pede justiça sem garantias. Não se pede vingança travestida de moralidade. Pede-se apenas uma coisa simples, quase revolucionária em Portugal:

que os grandes respondam com a mesma clareza com que os pequenos são cobrados.

Enquanto isso não acontecer, cada caso destes será mais uma machadada na confiança pública. Cada recurso interminável será mais uma lição de cinismo. Cada milhão perdido será mais uma prova de que a República é severa na mercearia e contemplativa no salão.

Berardo pode ainda ter muitas páginas jurídicas pela frente. Mas politicamente, moralmente e civicamente, o caso já escreveu uma sentença sobre Portugal:

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

E essa é uma vergonha que nenhum acórdão tardio consegue apagar por completo.

Nota Final

Esta crónica não pretende substituir tribunais, antecipar condenações ou negar direitos de defesa. Num Estado de Direito, todos têm direito a julgamento justo, contraditório e presunção de inocência.

Mas uma democracia também tem direito a olhar para os seus grandes casos financeiros e fazer uma pergunta moral: porque é que a justiça portuguesa parece tão eficiente quando lida com os pequenos e tão exasperantemente lenta, prudente, labiríntica e almofadada quando enfrenta os grandes?

O caso Berardo expõe precisamente essa ferida. Não apenas a dívida. Não apenas a Fundação. Não apenas a banca. Expõe a desigualdade prática entre o cidadão comum, que sente o Estado como martelo, e certos poderes económicos, que parecem sentir o Estado como corredor com portas laterais.

Portugal não perderá apenas dinheiro com estes casos. Perderá confiança, decência e

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Referências consultadas

- ECO — Supremo dá luz verde aos bancos para recuperar 980 milhões da Fundação Berardo
- Diário de Notícias da Madeira — Supremo abre caminho aos bancos para recuperação de 980 milhões da Fundação Berardo
- Renascença — Joe Berardo acusado de burla de mil milhões de euros
- ECO — Ministério Público acusa Berardo por burla qualificada devido a créditos de mil milhões de euros
- DCIAP / Ministério Público — Fraude Fiscal: inquérito com origem no denominado Processo Berardo
- ECO — Sete anos depois, banca avança para tribunal para anular “golpada” de Berardo
- Jornal de Negócios — CGD, Novo Banco e BCP foram as vítimas de Berardo

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Francisco Gonçalves

Fragmentos do Caos

Com co-autoria editorial de **Augustus Veritas**, ao serviço da lucidez, da memória crítica e da inquietação criadora.

A imagem acima resume a ferida moral do caso: enquanto o cidadão comum sente a lei como parede, certos grandes devedores parecem atravessar fundações, garantias, bancos e tribunais como quem percorre um salão alcatifado. A caricatura não condena; revela o absurdo.

“
Nós não esquecemos.
Nós não perdoamos politicamente.
Nós não pedimos licença para denunciar.
Somos **Fragmentos do Caos** com memória — e a memória, quando desperta, é **tribunal** antes de ser sentença.”

FRAGMENTOS DO CAOS —


Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)